

O CIBERESPAÇO COMO LOCAL DE MEMÓRIA: O MEMORIAL VIRTUAL DA BOATE KISS

LEONARDO MONTEIRO ALVES¹; ESTER TEIXEIRA GONÇALVES²; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES³

¹*Universidade Federal de Pelotas – alves.lm@ufpel.edu.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – estertg10009@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente texto visa apresentar alguns aspectos do projeto intitulado Patrimonialização da dor: o Memorial da Boate Kiss. O projeto tem por objetivo desenvolver memorial às vítimas da Boate Kiss no ciberespaço. O incêndio na boate Kiss, ocorrido no dia 27 de janeiro de 2013, na cidade de Santa Maria, ficou conhecido como uma grande tragédia levando a óbito 242 pessoas. A criação do memorial conta com a parceria entre as Universidades Federais de Pelotas-RS (UFPel) e de Santa Maria-RS (UFSM), atuando a pedido da Associação de Vítimas da Tragédia de Santa Maria (AVTSM).

Memoriais são, segundo Jeudy (2005) um monumento para preservar uma memória coletiva, nesse caso, sobre um acontecimento trágico que acabou por ceifar vidas. Esses monumentos são levantados em memória às vítimas para que se possam ser lembradas para eternidade, para que não se permita mais que ocorra a mesma tragédia. No lugar da tragédia se erguerá futuramente um memorial-monumento às vítimas, ao mesmo tempo, um memorial virtual está em curso. A discussão aqui proposta tratará sobre a criação do memorial virtual. Para Levy (2017) o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual, ele existe como potência do vir a ser. Podemos dizer que “O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicações assíncronas)” (LEVY, 2007, p 50), é constituído a partir de uma linguagem que utiliza códigos binários - representados por 0 e 1. Sendo assim, espera-se que o memorial virtual consiga preservar a memória coletiva e fazer com que ela se difunda, atingindo um maior número de pessoas em vista do seu caráter desterritorializado, tentando levar um caráter educativo.

2. METODOLOGIA

Está é uma pesquisa de caráter exploratório que utiliza de uma metodologia de revisão bibliográfica terminológica e conceitual, além de pesquisa em fontes, como jornais.

Para a criação do memorial virtual foi utilizado como fonte bibliográfica principal a matéria publicada “Lembranças que ficam” no jornal Diário de Santa Maria, no dia 26 de fevereiro de 2013. A matéria apresentava às vítimas da tragédia da Kiss com os seguintes dados: nome, curso, semestre e cidade natal da vítimas, na sua maioria estudantes universitários. Com esses dados foi possível a criação de biografias iniciais a serem inseridas na plataforma do

Tainacan¹ que serve como repositório e plataforma expositiva para o memorial virtual. A metodologia também contempla a participação em reuniões com os familiares das vítimas e com os sobreviventes, através de uma etnografia virtual, onde torna possível confirmar as informações sobre as vítimas e orientar uma construção participativa do memorial.

Alguns referenciais teórico-metodológicos foram utilizados para abordar conceitos como o de cibercultura (LEMOS, 2003), virtual (LEVY, 2017), Levy (2007), lugares de memória (NORA, 1993) e memorial (JEUDY, 2005).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O site onde é hospedado as informações referente ao memorial e onde se encontrará o memorial virtual, já se encontra disponível no endereço <https://memorialkiss.org/>. O site se encontra organizado por uma divisão em 5 seções: MEMORIAL, AVTSM, EQUIPE, GALERIA e CONTATO.

A seção MEMORIAL possui 3 subseções: “242 Vidas” - Memorial Virtual - organizada com um módulo expositivo no formato de um mural utilizando o Tainacan, contendo 242 fotos - representando cada uma das vítimas da tragédia. Cada foto possui um hyperlink que leva para uma nova página, nela são expostos os dados obtidos através da pesquisa realizada em jornais, sendo distribuídos em: nome, idade, cidade natal, uma frase de memória a pessoa e uma pequena biografia; “27 de janeiro de 2013” espaço utilizado para representar a tragédia, contendo narrativas de sobreviventes e uma exposição de fotos “massacre anunciado” do professor Dartanhan Baldez Figueiredo (NUNES, 2019); e “Redefinindo o Futuro” espaço a ser utilizado para as atividades pedagógicas do memorial. A pesquisa ainda possibilitou na realização de um mapeamento das vítimas, podendo separar os dados quantitativos e descobrimos que 52% eram do sexo masculino, a média de idade era de 23 anos para o sexo masculino e 22 anos para o sexo feminino, e conseguimos mapear por regiões, sendo a região sul a que mais teve vítimas, seguidas pelas regiões Sudoeste, Nordeste, Norte e uma vítima de fora do país - ainda restando 11 vítimas que não foram localizadas a sua cidade natal. Todos os dados obtidos na construção do memorial virtual serão utilizados na construção do memorial físico que será construído no espaço onde era a antiga boate da Kiss. Essa primeira abordagem permitiu mapear as vítimas e organizar as informações de modo que possam ser utilizadas posteriormente. Ao passo que se constrói as bases para o memorial físico, se discute o papel de um memorial, às memórias no ciberespaço, a potencialidade da rede na comunicação e enquanto lugar de memória.

4. CONCLUSÕES

O memorial virtual - que é diferente do site - encontra-se parcialmente disponível ao público, enquanto a pesquisa sobre as vítimas e as bases conceituais do memorial segue, busca-se os meios legais, em parceria com a AVTSM, para disponibilizar informações privadas no espaço público, nesse caso, no ciberespaço. Vivemos numa sociedade onde, segundo Lemos (2003) a cibercultura é a cultura contemporânea, onde todos estamos conectados e

¹ Ferramenta desenvolvida para a plataforma do WordPress que permite criar e organizar metadados de arquivos digitais.

inseridos em um “mundo virtual”, assim abre-se espaço para essas novas criações, como essa aqui apresentada.

O ciberespaço acaba gerando uma grande adesão para a criação de memoriais, pois “provém do fato que não somente podemos criar pequenos “mundos” do nada, mas sobretudo pelo fato de que, num certo sentido, podemos “habitar” realmente” (QUÉAU, 2001, p 98), sendo assim, podemos ressignificar este espaço para que ele se torne efetivamente um lugar de memória que “são lugares simultaneamente: materiais, simbólicos e funcionais” que só surgem apenas por uma “vontade de memória” (NORA, 1993), estando dentro do ciberespaço, um local desterritorializado. A desterritorialização destes espaços possibilita uma maior audiência, potencialmente, planetária. Por outro lado, os labores tradicionais como a pesquisa, segue sendo a base da criação de espaços de memória sejam eles físicos ou virtuais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. 157 p.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 2^a ed. São Paulo: editora 34, 2007, 264 p.

_____. **O que é virtual?**. 2.ed. São Paulo: Ed.34, 2017, 159 p.

LEMOS, André. CIBERCULTURA. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: Cunha, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003, (p 11 – 23).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

NUNES, Fritz. **Professor organiza “massacre anunciado” com fotos da boate kiss**. SEDUFSM, 18 jan. 2019. Online. Disponível em: <<https://sedufsm.org.br/?secao=noticias&id=5268>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

QUÉAU, Philippe. O tempo do virtual. In: PARENTE, André. (org.), **Imagen-máquina: A era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Ed. 34.2001, (p 91 – 99).

Tainacan. Disponível em: <<https://tainacan.org/>>. Acesso em: 07 set. 2020.